

**ENTREVISTA** Lars Svendsen

## MODA: AUSÊNCIA DE CRÍTICA SÉRIA E DESCOMPROMETIDA

Astrid Façanha

PARA O ESCRITOR E PROFESSOR DE FILOSOFIA NA NORUEGA, DESDE QUANDO O CONCEITO DE ALTA COSTURA FOI ACEITO, EM 1860, A MODA ASPIRA OCUPAR SEU LUGAR NO MUNDO DA ARTE.

Lars Svendsen, professor associado do Departamento de Filosofia, da Universidade de Bergen, na Noruega, e autor do livro *Fashion: a philosophy* (editora Reaktion) esteve no final do ano passado, em São Paulo, para uma palestra sobre a crítica jornalística, no evento Pense Moda. Segundo o filósofo, desde quando a *haute couture* foi introduzida por volta de 1860, a moda aspira fazer parte do universo da arte, do qual foi excluída no século XVIII, quando passou a ser considerada mero ofício ou artefato.

Ainda assim, alguns dos primeiros designers de moda como Charles Frederick Worth (1825-1895) e Paul Poiret (1879-1944) se consideravam artistas e gostavam de pensar que criavam não sobre encomenda, mas a partir da própria subjetividade. Worth passou a “assinar” suas obras, ao colocar etiqueta com seu próprio nome nas suas roupas. Poiret tinha uma visão romântica da moda, criava peças autorais, se inspirava em correntes artísticas da sua época além de ser colecionador de arte e frequentador de ateliê de artistas.

Para Svendsen, uma das razões da moda não ter a credibilidade como arte é a falta de uma crítica séria e consistente que avalie a sua produção, o que faz com que a mesma acabe sendo vista como mera *commodity*. Em sua opinião, a cobertura de moda feita pelos grandes jornais é, em geral, superficial. Por outro lado, a proximidade dos jornalistas especializados com o mundo da moda acaba por gerar um tipo de reportagem comprometida, que mais exalta do que avalia. Ele reforça a importância da produção de moda ser submetida ao julgamento analítico e crítico como forma de legitimar o campo.

A boa crítica, pontua o filósofo, deve ser independente e trazer com clareza a descrição, interpretação e contextualização da obra. Por outro lado, ele admite se tratar de um gênero subjetivo que, inevitavelmente, traz à tona o repertório do próprio crítico. Svendsen vê com bons olhos a crítica negativa, ainda que seja rara e acabe por gerar ressentimentos. “Chegou a hora de a moda amadurecer e aceitar a crítica ruim”.

Svendsen acredita que o jornalismo de moda tem um papel fundamental na avaliação da produção de bens de consumo e usa um termo do sociólogo francês, Pierre Bourdieu, para reforçar que a imprensa é responsável por “criar criadores”. Porém, esclarece que a crítica é um gênero de cobertura jornalística, que não tem nada a ver com a promoção de marcas e grifes que é feito pelas assessorias de imprensa, cuja linguagem acaba sendo reproduzida na mídia.

Além disso, reforça que os jornalistas de moda não deveriam ser vistos como escravos dos estilistas e marcas. Infelizmente, segundo ele, o que se nota, é uma enorme dependência na indústria, da parte dos profissionais da imprensa, cujo papel deveria ser desafiar o sistema. “O papel do jornalista e crítico é produzir com qualidade, na área em que atuam, para que suas próprias condições profissionais sejam fortalecidas”.

**ASTRID FAÇANHA** *Você escreveu outros livros de filosofia – como The philosophy of evil, de 2001 e A philosophy of boredom, em 2004. Como chegou no Fashion a philosophy?*

**LARS SVENDSEN** Tem um capítulo no livro, *A philosophy of boredom*, que aborda o assunto, a partir daí, cheguei à conclusão que deveria escrever uma filosofia da moda.

*Por que a moda passou a despertar tanto interesse?*

A moda é uma importante manifestação da cultura contemporânea. Eu me preocupo em entender quem somos, por que nosso comportamento é assim e, por aí vai. Portanto, devido à influência cultural da moda em nossas vidas, se tornou óbvio, para mim, que se trata de um assunto que merece uma investigação profunda e séria.

*Você foi recriminado por seus colegas intelectuais quando decidiu investigar a moda no campo da filosofia?*

Meus colegas acadêmicos acharam que eu tinha ficado louco, pois consideram que a moda, definitivamente, não é assunto para um filósofo sério. Ao mesmo tempo, muitas pessoas da moda acharam que eu apresentei o assunto de maneira chata e difícil de entender. Alguns estilistas, porém, mandaram e-mail dizendo que tinham gostado muito do livro.

*E a reação da mídia ao livro?*

A maioria dos jornalistas de moda ficou chocada com a minha crítica ao jornalismo de moda. O meu comentário favorito foi de uma profissional, reclamando de eu não ter dado ênfase ao lado divertido e brincalhão da moda.

*Qual a importância do pensamento reflexivo na moda, de que forma afeta a criatividade?*

Vou citar Sócrates nas palavras de Platão, sobre isso: “A vida sem reflexão não vale a pena ser vivida”. Portanto, diria que, uma roupa feita sem reflexão não vale a pena ser vestida. Acredito que esta é uma resposta divertida para uma pergunta séria!

*Para a crítica de moda a reflexão é inevitável...*

Críticos de moda deveriam ser capazes de explicar, para seus leitores, porque uma coleção foi um sucesso ou um fracasso e ajudá-los a adquirir uma percepção mais ampla da sua própria relação com a moda. Na realidade significa ensinar o leitor a arte da crítica, de ter a capacidade de emitir um julgamento que seja sustentado por uma razão. Significa conduzir o leitor para abaixo da superfície, para entender a relevância desses artefatos para suas vidas. Afinal,

os críticos também podem exigir algo dos seus leitores, que eles se tornem reflexivos!

*Como deve ser a crítica de moda?*

A crítica de moda deve ser rigorosa, colocada com clareza e informada historicamente. Não deve minimizar ou simplificar como grande parte da crítica de moda atual faz, nem ser desnecessariamente obscura, como é grande parte da crítica contemporânea de arte. A crítica deveria buscar vitalidade e audácia, distinguir o original do derivativo e pontuar o desenvolvimento do designer, mostrar momentos de mudanças e ciclos e tentar identificar esses momentos, além de se perguntar sobre tais escolhas estéticas em particular. Além disso, ressaltar técnicas, materiais e, por fim, emitir um julgamento. Porém um julgamento com propriedade, não uma mera opinião sem fundamento. Críticos nunca conseguem ser completamente objetivos, porém deveriam justificar suas opiniões.

*O que faz a crítica de moda subverter a crítica tradicional?*

Claramente, críticos de moda têm pouca força, alguns já foram banidos de desfiles por terem escrito críticas negativas, isso não acontece em outras áreas. Tanto na literatura quanto nas artes plásticas a crítica negativa é aceita, mesmo que o artista não fique muito contente com os resultados. Às vezes, as críticas mais interessantes são as negativas, até as obras-primas têm seus defeitos e muitas vezes são esses defeitos que as tornam interessantes. Porém, quando lemos sobre moda nos jornais e revistas somos levados a acreditar que só existem obras-primas impecáveis no reino da moda.

*Você cita inúmeros filósofos no seu livro, de Platão à Immanuel Kant e Adam Smith. Por outro lado, explora pensamentos de sociólogos modernos como Georg Simmel, Walter Benjamin e Pierre Bourdieu. Em sua opinião, de que forma as diferentes correntes de pensamento interferem na interpretação que é feita da moda. Poderíamos dizer que a filosofia tem um viés mais moralista e a sociologia mais comportamental?*

A filosofia quer saber o que é certo, quem está certo o que é a verdade, este é um ponto de vista filosófico. Nós, filósofos, levamos a investigação para esse lado. Por outro lado, Simmel, era um sociólogo que se considerava um filósofo, inclusive escreveu a obra chamada *A filosofia da moda*. Independente das possíveis abordagens, o fato é que a moda tem conquistado um papel cada vez mais significativo na cultura contemporânea, portanto é importante preparar-se para entender o fenômeno. Veremos cada vez mais artigos e longos ensaios sobre moda e crítica de moda, portanto é natural que se caminhe para uma filosofia de moda. Como diria a filósofa Hanna Arendt: “Pensar é uma atividade positiva que ao mesmo tempo nos distrai e subestima nossos hábitos e regras”. Segundo Arendt, “todo pensamento exige que se pare e, pense”. Portanto o mais importante é dar um passo atrás para ganhar alguma perspectiva.

*Você desconstrói as teorias clássicas de moda, articuladas por pensadores como Anne Hollander, Roland Barthes e Gilles Lipovetsky, para citar alguns. Qual desses teóricos faz mais sentido para você?*

Adoro o Gilles Lipovetsky, especialmente o seu livro *O império do efêmero*. Porém, discordo da maioria dos pontos de vista colocada por ele, mas é um dos melhores livros para se discordar que conheço! Infelizmente Barthes é impossível de ler. O seu livro – *Sistema da moda* – demanda um esforço enorme para entender e, no final, não acrescenta muito. O Simmel é muito bom. Acredite-se ou não, o escritor escocês Thomas Carlyle escreveu um livro há 200 anos – *Sartor Resartus* – que é totalmente pós-moderno e contém ótimos *insights* sobre a moda, apesar de se tratar de um romance esquisitíssimo!

*E quanto a você, o que pensa da moda?*

A moda é um assunto complexo. Não consigo resumir em uma única resposta. Se pudesse responder com duas frases, não teria escrito um livro inteiro sobre o assunto!

*Astrid Façanha é jornalista especializada em moda, mestre em ciência da informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Leciona nos cursos de graduação e pós-graduação em moda da Faculdade Santa Marcelina e do Centro Universitário Senac/SP. Email: astridfacanha@terra.com.br*